

// AGOSTINHO PINTO ... Entrevista

A realidade que encontrei foi um mundo diferente.



Este ano, pela primeira vez na história do basquetebol português, uma selecção nacional feminina participou num Mundial FIBA, neste caso no escalão Sub17. A propósito desta experiência inédita, aproveitámos a oportunidade para entrevistar Agostinho Pinto, o seleccionador nacional ao comando da equipa em questão.

Esta foi a primeira participação portuguesa num mundial feminino, como caracterizas a realidade que encontraste?

Sim, foi a primeira vez e tive o privilégio de participar. A realidade que encontrei foi um mundo diferente. Estar entre os melhores do mundo, por mérito próprio, é algo de extraordinário. Encontramos uma realidade composta por equipas, principalmente em termos físicos, muito mais fortes. Equipas muito bem estruturadas, quer a nível defensivo como ofensivo. Encontramos também jogadoras de potencial muito elevado, quer físico como técnico.

Comparativamente com a nossa realidade e as experiências europeias quais as principais diferenças e dificuldades?

Comparativamente com a nossa realidade, a grande diferença e onde sentimos mais dificuldades foi precisamente nos aspectos físicos. Defrontamos seleções com várias jogadoras para as mesmas posições, essencialmente nas posições interiores. Intensidade defensiva, principalmente das equipas Asiáticas e Africanas, foi também uma das maiores diferenças/dificuldades com que nos deparamos.

Na tua opinião o que temos de fazer para voltar a estar neste nível?

O que temos que fazer é trabalhar. Só com trabalho pode ser possível. Criar condições cada vez mais cedo para as nossas jogadoras terem confrontos internacionais. Criar Centros de Desenvolvimento de jogadoras com especial talento e melhorar a nossa competição interna. Um preparador físico que integre as equipas técnicas é algo determinante para conseguirmos resultados internacionais. Aumentar a carga de trabalho dessas atletas, muitas mais horas.

Quais os aspetos mais positivos que retiras desta experiencia?

Portugal ter jogado ao nível das melhores Seleções do mundo, principalmente enquanto o físico nos deixou. O orgulho de saber que estávamos preparados para jogar um mundial com dignidade. As boas respostas das nossas atletas às varias e diferentes dificuldades que nos apareceram durante o mundial.

// FRANCISCO COSTA, NUNO SILVA E RUI GOMES ... Artigo

IV Clinic Desmontando al Entrenador Ayudante

Um clinic que tem logo de partida um valor acrescentado pelo facto de abordar as tarefas no treino e em jogo numa faceta que normalmente não se aborda, seja nos cursos de treinador ou clinics – a perspetiva do adjunto, foi naturalmente alvo da nossa curiosidade e interesse, por um lado, porque dois de nós desempenham na atualidade essa função, por outro, porque é algo a que mesmo os treinadores, que neste momento não são adjuntos, o podem vir a ser em qualquer altura.

O papel do treinador adjunto é estruturante no basquetebol atual funcionando como uma extensão e complemento do trabalho do treinador principal em distintos domínios de ação. Foi sobre estes temas que se discutiu em Santiago Compostela no âmbito do IV Clinic Desmontando Al Entrenador Ayudante, salguarde-se que somente assistimos às quatro preleções de sábado.

Em termos genéricos, este é um conjunto de ideias transversais a todos os subtemas tratados:

- Necessidade absoluta de entender, compreender e aceitar a filosofia do treinador principal, de modo a falarem, sempre, a “mesma lingua”;
- Para alguns, que trabalham com diferentes treinadores principais, ao longo dos anos, é imperioso ter uma mente aberta, para assimilar o maior número de métodos de trabalho, de formas de ver o jogo, e com isso, ir criando a sua própria “identidade” (caso de Carles Duran, que esteve anos a absorver, assimilar, processar conteúdos diferentes, assumindo este ano o cargo de principal, como um desafio às “suas” ideias), note-se que todos estes treinadores, já trabalharam com diferentes treinadores principais;
- Papel de adjunto muito vasto, não se prende ao coadjuvar o treino nem preparar o vídeo, muito do seu trabalho é o “trabalho no escuro e fora de horas”, a preparação, fora de treino, de atletas mais jovens com potencial é disso exemplo;

Em foco, estiveram principalmente três domínios de ação do adjunto:

- A preparação do jogo: desenvolvimento de tarefas de scouting, do adversário e próprias, com propostas para aumentar a qualidade dos mesmos e os conseguir transmitir melhor (Israel Gonzalez) e estratégias para trazer o scouting para o treino (Lele Molin).
- O desenvolvimento individual do jogador: esteve em destaque o desenvolvimento de jogadores jovens que integram as equipas seniores de forma a contribuir efetivamente para a equipa (Carles Duran).
- O papel em jogo: neste campo discutiu-se a interpretação do jogo ou o “scouting en vivo” (Javier Carrasco), com ideias sobre o papel do adjunto na observação própria e do adversário e como ajudar o treinador principal

nestes aspetos.

Dos três domínios de ação ficaram-nos algumas ideias transmitidas pelos preletores que certamente nos ajudarão a todos:

- Crescente importância da análise pós jogo. Tão ou mais importante, que o scouting;

Dada a complexidade tática de uma competição como a ACB, raramente se apresenta (aos jogadores) um scouting de “set plays”, mas um scouting de conceitos, segundo Israel Gonzalez, Aito Garcia Reneses, muitas vezes, apresenta aos seus jogadores, o conceito que pretende trabalhar, num sistema diferente daquele(s) que o adversário usa;

- Têm muito cuidado com os “set play armadilha”, no entanto, Aito, gosta que os jogadores errem, pelo que apesar de treinarem essas armadilhas, impede os adjuntos de as relembrar aos jogadores, quando se apercebem que vão ser jogados, para obrigar os jogadores a estarem focados, permanentemente;
 - Ter uma ideia do que se vai defrontar, perceber dentro daquilo que se vai defrontar, o que é importante para transmitir à equipa;
 - A qualidade do scouting não está tanto no conteúdo mas no que se consegue transmitir efetivamente aos jogadores para melhorar a performance;
 - Dar informação à equipa, útil para os momentos de máxima tensão e curta para ser assimilável;
- O desenvolvimento individual do jogador jovem deve assentar em treino específico extra com atenção no detalhe técnico, defensivo e ofensivo; esta pode e deve ser tarefa do adjunto e, se for bem feito, vai ser respeitado, pelos jogadores mais velhos e muitas vezes estes também vão querer esse tipo de trabalho;
- Interpretar o jogo em articulação com o treinador principal, sabendo adaptar-se às suas ideias, de forma a contribuir positivamente para melhores decisões;
 - Perceber que durante o jogo, não nos conseguimos focar em tudo, situações como o nosso “spacing”, a forma como nos defendem o “Pick & Roll”, são fundamentais, na análise do adjunto.



// SÉRGIO SILVA ... Artigo

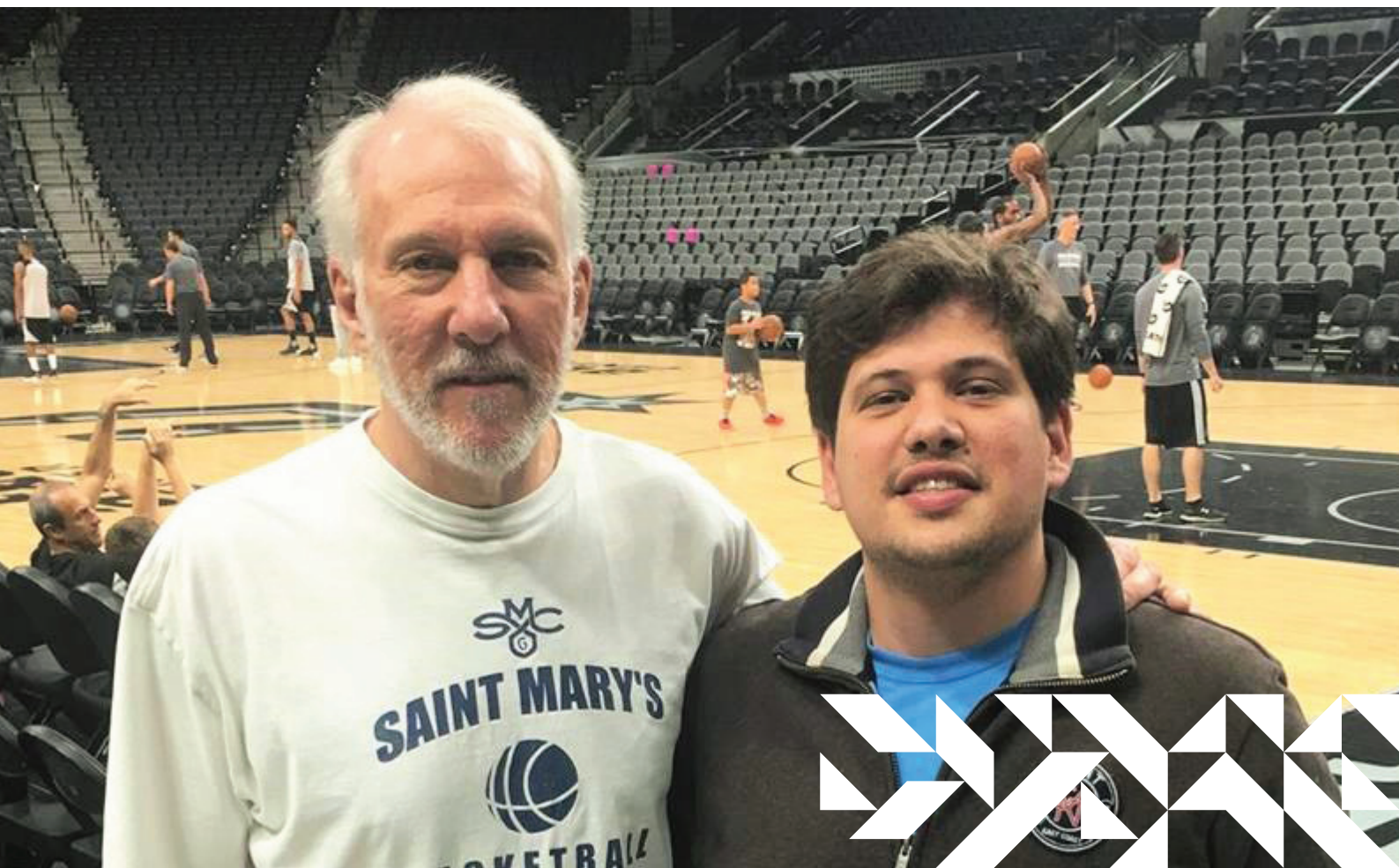
Obrigado Pop! (parte 1)

Como desafio pessoal sempre procurei estar onde estão os melhores, participar nos clinic portugueses e espanhóis de referência, e ainda num clinic da Euroliga. Faltava-me a realidade americana. Vou ser honesto, nunca admirei muito a NBA, era da opinião que não defendem e que são egoístas, considerava também que taticamente não possuíam o nível da ACB.

Em 2015, a Associação de Treinadores Espanhóis tinha uma viagem programada aos San António Spurs equipa que, dentro da NBA, os meus amigos mais associavam ao meu estilo preferido de jogo. Essa era de facto uma equipa que eu conhecia bem dentro da NBA, conhecia os seus melhores jogadores, alguns dos seus treinadores e o Sr. Gregg Popovich. Nesse ano tive que pagar uma quantia para estar dentro dos Spurs, o que eu não sabia é que essa quantia, apesar de avultada, seria insignificante perante tudo o que me viria a acontecer.

Quando chegamos ao centro de treinos dos Spurs, sabíamos que iríamos ter uma pequena conversa com quase todos os membros do staff técnico\administrativo da equipa, mas nunca ninguém nos disse que iríamos conversar e estar perante o Sr. Gregg Popovich. Eu, sinceramente, não acreditava. Uma das primeiras surpresas foi a entrada de Ettore Messina na sala onde esperávamos. Fez questão de cumprimentar todos individualmente, foi extasiante dar por mim perante um homem que ganhou 4 euroligas, uma competição que adoro e sigo.

Messina falou durante uma hora, tempo que passou a correr, a simplicidade com que falava e o amor que demonstrava pelo que fazia fez-me perder a vergonha e acabei por esboçar uma pergunta: "Messina quando era um treinador jovem...?" Não me permitindo terminar, Messina, respondeu: "Ainda sou um treinador jovem".



Desconcertado pela resposta acabei por perguntar: "Quando começou a treinar sonhava chegar à NBA?" Era uma pergunta de menino sonhador que perante a simplicidade da pessoa que tinha à frente perdeu toda a vergonha. A resposta de Messina foi que não, acrescentando que "sonhava ser treinador principal da equipa sénior do meu clube e viver na minha cidade, as coisas foram acontecendo...". Após algumas perguntas, Messina decidiu levantar-se, dirigiu-se à janela e disse: "vou só ali ver se o carro do Pop está cá". Messina encontrou o carro e decidiu ir procurar Pop. Passados uns 5 minutos aparece Messina com um papel na mão que entrega ao presidente da Associação de Treinadores Espanhóis, no papel estava escrito "jantamos às 19 horas no restaurante X". A única reação possível era sorrir, sorriamos todos uns para os outros, sorriamos como meninos de 10 anos quando o pai lhe promete o brinquedo que tanto deseja.

Chegámos ao local por volta das 18.30h, mas não encontrávamos o restaurante, procurámos durante uns 20 minutos e não encontrávamos, a situação já se tornara cómica e entre nós alguém me diz: "foi bom sonhar que íamos jantar com o melhor treinador do mundo!". Por fim, conseguimos encontrar o restaurante. À porta da sala já nos esperava o Sr. Gregg Popovich que cumprimentou todos um a um. Durante o jantar falamos de vários temas, brindamos e ouvimos várias vezes a preocupação do Sr. Gregg Popovich ao dizer que nos queria proporcionar uma noite agradável. Pop serviu vinho a todos os presentes, todos, sem exceções, disse-nos que fez questão de trazer um vinho especial da sua garrafeira para nós. Antes da sobremesa, Pop levanta-se e tem um detalhe delicioso, faz questão de falar com cada um de nós, perguntando de onde éramos, que escalões treinávamos... Uma atitude incrível, muito mais do que estávamos à espera, mas Pop no final do jantar diz: "Amanhã depois do treino falamos sobre basquetebol".

E assim foi, depois do treino da manhã, e tendo jogo à noite contra os Toronto Raptors, estive à conversa connosco durante 90 minutos. Perguntou-se: "Como é perder uma final da NBA nos últimos segundos?" Pop respondeu: "Se a coisa mais difícil que tiveste na vida foi perder uma final da NBA, tens uma vida demasiado fácil". O diálogo continuou: "Como se mantém há tantos anos nos Spurs?" Pop diz: "Tive a sorte de as pessoas acreditarem em mim, e as pessoas com quem trabalho continuam a manter-me motivado para prosseguir". Uma frase que o Pop deixou bem clara, é que para ele o MENOS É MAIS. Deu o exemplo que depois de muitos jogos fora e apesar de estar só um dia previsto de folga quando voltavam a Santo António, ele sentiu que os jogadores precisavam de mais dias, e deu dois dias de folga para estarem com a família, o menos é mais. Tendo em conta tudo o que o Pop disse, posso dizer que os Spurs são muito mais que basquetebol, são muito mais que um clube de basquetebol ou uma empresa que tem um clube de basquetebol, são realmente o que se pode chamar de uma família.



// A VOZ DO TREINADOR

Se tens um tema ou uma experiência que queres partilhar este é o teu espaço.
Envia-nos o teu contributo para geral@antb.pt



JÁ ÉS SÓCIO DA ANTB? Inscreve-te em antb.pt